



MESTRADO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS E SAÚDE

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE**

**PARQUES EM ANÁPOLIS-GOIÁS
O CONTATO COM A NATUREZA E A SAÚDE**

SÁVIA MARCELLA RIBEIRO ROCHA DE PAULA

GOIÂNIA
2009



MESTRADO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS E SAÚDE

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE**

**PARQUES EM ANÁPOLIS-GOIÁS
O CONTATO COM A NATUREZA E A SAÚDE**

SÁVIA MARCELLA RIBEIRO ROCHA DE PAULA

Orientador: Prof^ª. Dr. Luc Marcel A. Vandenberghe

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Saúde.

GOIÂNIA
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, que acreditaram que seria possível e me proporcionaram esta benção com muito investimento e carinho.

Ao meu precioso marido, pela compreensão, apoio e disposição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo pela garra, perseverança, fé e determinação, fatores os quais, em nome Dele, me fazem vencedora mais uma vez.

Meus queridos pais que sempre me incentivam a correr atrás dos meus sonhos, me dando força, e pelas palavras sábias de conforto quando me vem o desânimo. “Por vocês sinto vontade de sempre lutar por mais na vida”.

Meu esposo, sempre disposto a ajudar, com muito carinho e incentivo. “Muito disso não seria possível sem você”.

Meu Orientador, pela inexplicável dedicação, pelo compromisso e pela formidável competência. “Deus abençoe sua vida”.

Meu irmão pelo incentivo e toda minha família. Amo vocês!

RESUMO

Enquanto parte da população brasileira que vive nas metrópoles aumenta a cada década, acumula-se a evidência científica que o contato direto com a natureza é essencial para o bem-estar e o desenvolvimento humano. Este trabalho visa entender qual o papel do parque na promoção da qualidade de vida e da saúde em uma cidade em expansão, no centro-oeste brasileiro. É feito um estudo da vivência subjetiva do uso de parques municipais na cidade de Anápolis, Estado de Goiás. Foram realizadas vinte e quatro entrevistas com moradores de bairros próximos aos principais parques da cidade. O procedimento foi pautado nas opções da Grounded Theory, na modificação construtivista proposta por Charmaz. A partir da vivência dos participantes, efeitos sobre saúde e bem-estar foram identificados, como também as possibilidades oferecidas pelos parques. Além disso, foram identificados fatores desestimulantes, dificuldades e empecilhos em relação ao aproveitamento das potencialidades dos parques, como também possíveis soluções para os mesmos. Os resultados são discutidos com a intenção de entender melhor a perspectiva do morador sobre o parque e subsidiar idéias para políticas públicas, baseadas a partir da mesma.

Palavras-chave: Contato Com a Natureza; Saúde; Qualidade de Vida.

ABSTRACT

As the fraction of the Brazilian population that lives in the metropolises increases with every decade, the scientific evidence increasingly sustains that direct contact with nature is essential for well-being and for human development. The present study seeks an understanding of the role of parks in quality of life and health promotion in an expanding city in the Brazilian heartland. An enquiry is made into the subjective experience of the use of city parks in Anápolis, state of Goiás. Twenty four interviews were conducted with people living in the park neighborhoods. The procedure followed the methodological options of grounded theory in its constructivist adaptation proposed by Charmaz. Based on the citizen's experience, effects on health and wellbeing are discussed. Attractions of the parks, factors that inhibit or impede making full use of what they have to offer, as well as solutions for those problems are identified. The results are presented in order to promote a better understanding of the citizen's perspective on parks and to underscore ideas for participative public policies.

Key words: Nature contact, Health, Quality of life.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
3. OBJETIVOS	21
3.1. Objetivo Geral	21
3.2. Objetivos Específicos	21
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	22
4.1. Localização	22
4.2. Planejamento urbano de parques	24
4.3. Histórico dos parques.....	26
4.4. Amostra	33
4.5. Procedimento	34
4.6. Construção de categorias passo a passo	35
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
5.1. Eixo 1 - Frequência de contato com a natureza	37
5.2. Eixo 2 - Vivência do contato com a natureza	38
5.3. Eixo 3 - Benefícios do contato com a natureza	41
5.4. Eixo 4 – Dificuldades.....	44
5.5. Eixo 5 - Soluções geradas pelos moradores.....	49
5.6. Eixo 6 - Sugestões dos participantes	50
6. CONCLUSÃO.....	57

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
8. REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	68

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. População residente, por situação do domicílio- Brasil- 1940 / 2000	11
FIGURA 2. Localização de Anápolis - GO	22
FIGURA 3. Parque da Criança Antônio Marmo Canedo	23
FIGURA 4. Central Parque Senador Onofre Quinan.....	24
FIGURA 5. Parque JK.....	24
FIGURA 6. Jundiáí Praia Clube	29
FIGURA 7. Processos erosivos, Parque JK. 1999.....	30
FIGURA 8. Parque JK.....	46
FIGURA 9. Parque da Criança.....	47
FIGURA 10. Parque JK.....	47
FIGURA 11. Parque da Criança.....	48
FIGURA 12. Parque JK.....	51
FIGURA 13. Parque da Criança.....	52
FIGURA 14. Central Parque.....	52
FIGURA 15. Central Parque.....	53
FIGURA 16. Parque da Criança.....	53/54

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Participantes	70
--------------------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

A problematização do parque urbano no presente trabalho, é contextualizada na evolução urbana no Brasil, tomando como exemplo a cidade de Anápolis, mostrando os efeitos da urbanização e a necessidade do contato com a natureza.

A questão urbana era praticamente desconhecida no Brasil até 1930, pois este era um país agrícola, uma colônia exportadora de produtos primários. Com a subida ao poder de Getúlio Vargas, e atendendo aos pedidos dos industriais, foi promovida uma migração do campo para a cidade, com promessas de saúde, previdência e outros benefícios para os trabalhadores. Neste período o Estado utilizou-se dos instrumentos à sua disposição com a finalidade de fornecer mão-de-obra para o capital industrial (Fernandes, 1998).

No período de 1950 a 1960, pode perceber um aumento urbano significativo e um fluxo migratório intenso, sem o devido planejamento urbano, sem análise das questões das distribuições de renda e de equipamentos. Com a crescente industrialização, houve uma aceleração ainda maior do processo de urbanização, de forma não controlada, sendo que as invasões passaram a ser mais frequentes no período de 1970 a 1980. Os loteamentos autorizados eram distantes dos centros, o que gerava um aumento da despesa com o transporte para a classe trabalhadora, tornando as novas áreas desinteressantes, e como a criação de equipamentos públicos também era encarecida, essas populações tinham atendimento precário, gerando um índice elevado de mortalidade infantil, desabastecimento de água e esgoto, entre outros (Abrantes, 2003).

De acordo com os resultados do Censo Demográfico 2000, a população rural brasileira continua reduzindo de tamanho, enquanto que a urbana cresce a percentuais elevados, uma tendência iniciada na década de 70 (Figura 1). O Brasil chegou ao final do século XX como um país urbano: em 2000 a população urbana ultrapassou 2/3 da população total, e atingiu a marca dos 138 milhões de pessoas (IBGE, 2001).

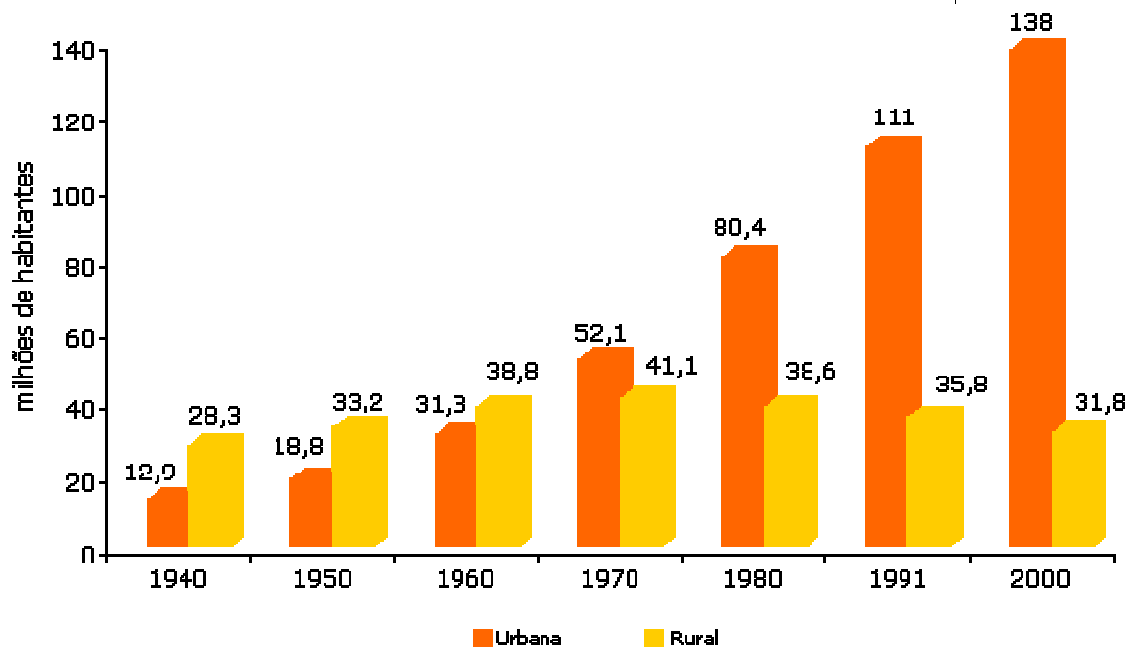


Figura 1. População residente, por situação do domicílio - Brasil - 1940 / 2000.

Fonte: Tendências Demográficas, 2000, IBGE, 2001.

Um exemplo deste crescimento nos centros urbanos é a cidade de Anápolis. Sua origem está ligada à comercialização de produtos e gêneros para a região do garimpo e também ao abastecimento de fazendas de criação de gado, sem deixar de mencionar a riqueza de recursos hídricos e condições

geográficas favoráveis. O primeiro núcleo da atual cidade de Anápolis tornou-se, com o decorrer do tempo, ponto de parada obrigatória de viajantes que demandavam para o norte do Estado. Entre 1870 e 1935, a região do município de Anápolis sofreu profundas mudanças. As poucas moradias existentes, habitadas por escassa população, deram lugar a uma aglomeração humana mais complexa. Essa primeira fase de ocupação do território anapolino está marcada na sua economia pela predominância do setor agrário de subsistência, da pecuária incipiente e comércio de viajantes. A cidade surgiu onde hoje é a região da Praça Santana. Com a criação da capela, o povoado foi crescendo e recebendo vários nomes. Até que, em 31 de julho de 1907, a vila alcançou o status de cidade, com o nome de Anápolis (Polonial, 1995).

Atualmente, a cidade se destaca como um dos maiores centros econômicos do país e vem apresentando uma urbanização crescente, demonstrada pelo censo 2000 do IBGE, apontando que 97% da população encontra-se em áreas urbanas (Nascimento, 2003).

Muitos conflitos têm origem na transição de valores e objetivos pelos quais a sociedade passa, diante desse novo estilo de vida. Um novo paradigma surge como uma mutação da revolução industrial, onde termos como interatividade – virtual – biotecnologia – engenharia genética, passam a figurar como nova verdade. Os valores humanistas, esquecidos nos tempos modernos pela industrialização desenfreada e busca de bens materiais, voltam a ter ênfase, numa época onde se depara com a destruição no planeta, podendo culminar na própria destruição da humanidade. Busca-se o desenvolvimento do ser humano, em contato com o seu ambiente natural. No campo, longe da cidade, sendo um local de contemplação, há a possibilidade de se desenvolver

com bastante propriedade o tema do corpo visitando a natureza, onde o movimento humano representa uma forma de comunicação, diálogo entre o homem e o mundo. A visão de uma cachoeira ou de cima do topo de uma montanha dá a sensação de realização, satisfação. O homem contemporâneo, mesmo inserido na natureza, vive uma rotina que lhe tolhe os sentidos e muitas vezes não lhe permite vivenciar a experiência desse contato (Chão,1999).

As atividades intensas e aceleradas das cidades geram elevados índices de estresse e irritabilidade. As áreas verdes estão associadas à vida no campo e ao lazer, proporcionam a sensação de paz e calma e remetem o homem às suas origens, são lugares de refúgio na cidade (Hassler, 2006).

Embora a evolução tenha aumentado a expectativa de vida, os diversos estilos de vida podem ter preparado o caminho para o aparecimento de doenças. Quanto mais as pessoas sobrevivem à idade avançada, maior é o surgimento de problemas de saúde mental, comportamental, perturbações ou depressões, que são vistos como um crescente problema de saúde no mundo. Estudos têm demonstrado a possibilidade da utilização da natureza como um instrumento eficaz para a promoção de saúde das populações, e que a simples visualização da natureza pode melhorar acentuadamente o desenvolvimento da saúde humana, como diminuição do estresse e aumento do bem-estar psicológico (Salovey *et al.*, 2000; Fredrickson, 2001; Maller *et al.*, 2005; Herzog & Strevey, 2007; Mayer *et al.*, 2008; Sugiyama *et al.*, 2008; Thompson *et al.*, 2008; Hilary, 2009).

Anápolis dispõe de poucas opções para o lazer. Existem apenas três parques recreativos: Parque da Criança (Antônio Marmo Canedo), Central Parque (Senador Onofre Quinan) e o Parque Jk, que necessitam de cuidados

especiais para que possam atender as necessidades da comunidade (Umbelino, 2009).

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.” (OMS, 1946).

Pode-se também definir saúde como uma condição humana com dimensões física, social e psicológica, cada uma caracterizada por pólos positivo e negativo. A saúde positiva estaria associada com a capacidade de apreciar a vida e de resistir aos desafios do cotidiano, enquanto a saúde negativa estaria associada com a morbidade e, no extremo, com a mortalidade (Pitanga, 2002).

A saúde mental é de extrema importância para se ter uma saúde física em perfeito funcionamento. Uma boa saúde mental permite sentir bem consigo mesmo e com outras pessoas, estando sempre apto para lidar com mudanças e desafios. Para conservar uma boa saúde mental, deve-se ter uma visão positiva da vida. As emoções positivas fazem pensar em diferentes maneiras, ajudam a lidar com problemas e são essenciais para otimizar, tanto o lado psicológico quanto o físico (Fredrickson, 2001).

A Saúde física consiste no bom funcionamento do organismo e de suas funções vitais. O estado emocional pode influenciar na saúde física, pois o mesmo afeta o sistema imunológico, levando ao aparecimento de doenças (Salovey *et al.*, 2000).

Nas últimas décadas, várias linhas de pesquisa na área da psicologia positiva, mostraram que as emoções positivas reduzem a toxicidade (efeitos nocivos à saúde) do estresse do cotidiano e o impacto que determinadas situações negativas de sua vida geralmente têm sobre a saúde física e mental. Podem também anular efeitos das emoções negativas sobre o corpo,

melhorando o funcionamento imunológico e acelerando a recuperação fisiológica frente ao estresse. Contribuem na determinação e na forma de lidar com situações do dia a dia, aumentam o âmbito de atenção e cognição, permitindo pensamento flexível e criativo, fazendo com que as pessoas se sintam bem no presente. Além disso, através dos seus efeitos sobre a funcionalidade e criatividade ampliadas, contribuem para a construção de recursos psicológicos e sociais, que deixam a pessoa mais preparada para os desafios do cotidiano (Fredrickson, 2001).

De acordo com Herzog e Strevey (2007), tem havido uma crescente importância ao bem estar psicológico, concebida não somente com a prevenção de sofrimento, dor e estresse, mas como um aspecto essencial da saúde. Os autores relatam também uma crescente literatura na psicologia ambiental, que atesta os efeitos benéficos da natureza em bem estar, que induzem as emoções positivas, fazendo com que as pessoas se sintam melhor emocionalmente.

Pesquisas mostram que todos os elementos da natureza englobando vegetação, árvores, paisagismo, jardins e parques, são componentes importantes que transmitem satisfação, bem-estar físico e mental (Kaplan, 2001).

A expressão Natureza (do latim: *natura, naturam, naturea* ou *naturae*) aplica-se a tudo aquilo que têm como característica fundamental o fato de ser natural, ou seja, envolve todo ambiente existente que não teve intervenção antrópica. Dessa noção da palavra, surge seu significado mais amplo: A natureza corresponde ao mundo material e, em extensão, ao universo físico,

toda sua matéria e energia, inseridas em um processo dinâmico que lhes é próprio e cujo funcionamento segue regras próprias (Moreira, 1990).

A natureza é definida como um ambiente orgânico onde a maioria dos processos estão presentes, por exemplo, nascimento, óbito, reprodução e relação entre espécies, incluindo aspectos de habitats da vida selvagem, áreas de exploração agrícola e jardins. Natureza também se refere a qualquer um dos componentes do ambiente natural, tais como plantas, animais, solo, água ou ar, e inclui também animais domésticos ou uma planta cultivada em um vaso (Maller *et al.*, 2005).

O contato com a natureza é uma vivência que produz emoções positivas. Ajuda na redução do cansaço e estresse e esse é o motivo pelo qual muitas pessoas escolhem passar suas férias em locais naturais, ou até mesmo usam em suas casas flores, plantas ou jardins que lhes dão mais contato com a natureza. Hoje, mais pessoas frequentam parques zoológicos, até como uma forma de aproximar as crianças com o meio natural. Muitos optam por animais de estimação e pesquisas mostram que o animal é uma boa companhia ao homem. Nos últimos anos tem havido um crescente interesse pelos espaços verdes, parques urbanos, áreas florestais e, além disso, o acesso à natureza tem sido demonstrado como uma forma de contribuição para o alívio da tensão. Várias pessoas procuram paz, tranquilidade e satisfação em contato com a natureza, seja pela presença de plantas, visitas a parques florestais ou pela visão de suas janelas (Frumkin, 2001).

Kearney (2006) relata uma pesquisa onde mostra que, pessoas que moram próximas a regiões com muito acesso à natureza, ou em locais como condomínios fechados, onde há incorporação da natureza, dizem sentir o

aumento da capacidade de formar ligações emocionais com novas pessoas e têm uma melhor relação com seus vizinhos (Rashid & Zimring, 2008).

Segundo Noiseux e Hostetler (2008) os consumidores são interessados em comprar casas em comunidades com possíveis benefícios que incluem uma melhoria da saúde e longevidade, onde oferecem melhores condições para desenvolvimento das crianças, promoção de níveis mais altos de atividade física e maior qualidade de vida. São fatores considerados importantes para a compra de uma nova casa.

Segundo Maller *et al.* (2005) os indivíduos de habitação urbana que procuram parques e jardins, parecem compreender intuitivamente os benefícios do contato com a natureza em saúde e bem estar, e que parques e reservas naturais desempenham um papel importante para o fornecimento de acesso a natureza para os indivíduos e funciona como estratégia de prevenção de doença mental. Em suas pesquisas, ao comparar um passeio em um ambiente natural, um passeio em um ambiente urbano e relaxar em uma cadeira confortável, a fadiga mental foi aliviada com sucesso num passeio pelo parque. A natureza tem efeito reparador. Por estes benefícios é suficiente justificar a inclusão do contato com o meio natural, sendo considerado um elemento fundamental para prevenção de doenças urbanas das populações em todo o mundo.

Thompson *et al.* (2008) mostra a importância do envolvimento com o meio ambiente na infância, e que esse contato desempenha um papel importante na percepção e no comportamento quando adulto. Em outras palavras, se uma pessoa não teve frequentes experiências na infância em florestas e espaços verdes, há uma maior probabilidade de não visitar esses

lugares quando adulto, ao passo em que aqueles que fizeram visitas quando crianças têm atitudes mais positivas, um envolvimento emocional com os locais verdes naturais e mais facilidade e confiança de visitar esses lugares sozinhos. Uma investigação sobre o acesso das crianças com o meio natural mostra que elas vão se tornando cada vez mais limitadas aos espaços internos. Elas brincam dentro da própria casa, dentro de seus quartos. Muitos pais alegam medo da falta de segurança, e apenas uma porcentagem muito pequena de crianças no mundo desenvolvido têm mais freqüente exposição aos espaços verdes naturais, em comparação com algumas décadas atrás.

Ambientes naturais podem melhorar o desempenho estudantil, incluindo o aumento do empenho e entusiasmo para aprender. A visão da natureza pela escola melhora a capacidade de concentração e pode ser usada para tratamento de déficit de atenção (Taylor & Kuo, 2009).

Foi também demonstrado que a atividade física no parque pode contribuir no bem-estar para adultos mais velhos e no funcionamento cognitivo, reduzindo o risco de demências (Sugiyama *et al.*, 2009).

Os efeitos de uma cura natural são cada vez mais vistos em ambientes estressantes, tais como hospitais, escritórios e outros locais de trabalho. Estudos mostram que a natureza é importante para as pessoas e é um meio eficaz no alívio do estresse e na recuperação de doentes (Maller *et al.*, 2005).

Frank e Engelke (2001), Kuo e Sullivan (2001) e Sideris (2006) demonstraram também que atividades físicas, tais como caminhada e ciclismo, são incentivadas pela presença de áreas verdes, explicando em parte os benefícios à saúde dos ambientes naturais. Apesar disso tudo, esses mesmos parques têm sido ligados ao medo do crime em uma série de investigações.

Pessoas alegam que estes espaços escondem possíveis criminosos, se sentindo vulneráveis em zonas densamente arborizadas. A falta de segurança tem afastado muitas pessoas dos ambientes onde costumavam fazer diariamente suas caminhadas ou passeios ciclísticos, principalmente mulheres e idosos.

De acordo com Schwartz *et al.* (2004) os padrões de desenvolvimento urbano são prejudiciais à saúde física dos indivíduos, onde muitas vezes a própria estrutura do bairro incentiva o uso de veículos, desencorajando as atividades físicas a pé. Supermercados, farmácias ou igrejas se localizam longe das residências dos seus frequentadores e muitos dos bairros não possuem um lugar adequado para atividades físicas ao ar livre, sendo que os lugares disponíveis não apresentam segurança adequada, trazendo riscos às pessoas.

Devido a falta de confiança na segurança de parques ou áreas naturais, as pessoas se privam do bem estar físico, psicológico, e dos benefícios das atividades ao ar livre (Thompson *et al.*, 2008).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Conhecer o convívio dos moradores do uso de parques municipais em Anápolis.

3.2. Objetivos Específicos

- Verificar efeitos percebidos pelos participantes do contato com a natureza sobre a saúde.
- Identificar possibilidades no contato com a natureza em diferentes regiões da cidade.
- Identificar empecilhos no contato com a natureza e soluções que as pessoas constroem para os problemas relatados.

4. MATERIAIS E MÉTODO

4.1. Localização

Anápolis é um município brasileiro do Estado de Goiás. Tem, segundo estimativa do IBGE para 2009, 335.960 habitantes. Está a 48 quilômetros da capital, Goiânia, é um dos maiores entroncamentos rodoviários do país, estando a pouco mais de 130 quilômetros da capital federal. É o terceiro maior município em população do estado, o segundo maior em arrecadação de impostos e a segunda maior cidade do estado de Goiás, compondo a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro (IBGE, 2009). (Figura 2).

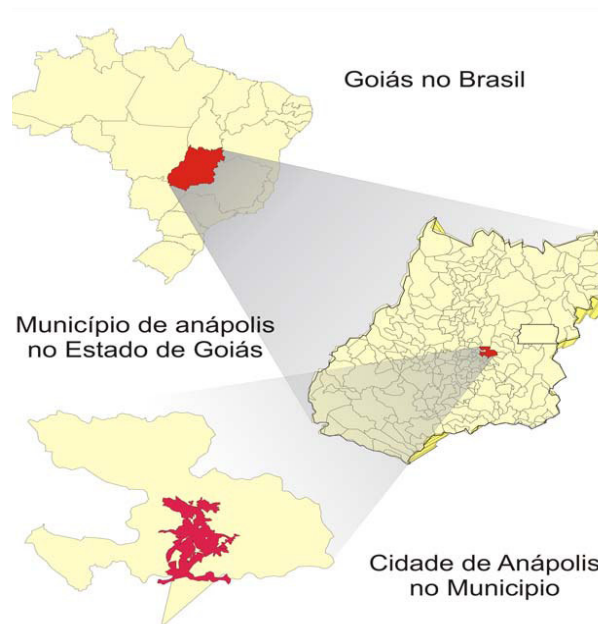


Figura 2. Localização de Anápolis - GO.

Fonte: FREITAS, J. F. A expansão urbana e a segregação sócio-espacial em Anápolis-GO. (Dissertação de Mestrado) Departamento de Geografia - UNB, Brasília, 2004.

Os locais estudados foram:

O Parque da Criança “Antônio Marmo Canedo”, (Figura 3) está localizado num bairro residencial, Maracanã, e conta com 50 mil m² de área. É um sítio de preservação, do qual, cerca de 70% correspondem a uma área de mata nativa, enquanto os 30% restantes correspondem à área de visitação ou recreação. É o parque que apresenta as mais diversificadas opções para o lazer, quadras de vôlei, basquete, futebol, pista para ciclismo, playground, e pista para caminhada (Assad *et al.*,2006).



Figura 3. Parque da Criança Antônio Marmo Canedo.

O Central Parque “Senador Onofre Quinan”, localizado no setor Jardim das Nações, (Figura 4), foi implantado em 93 mil m² de área, sendo que 1/3 do total é de mata nativa, a qual se encontra dividida entre área destinada à preservação florestal e à visitação. Os visitantes dispõem de uma pista de cooper, áreas específicas para lazer infantil, um lago natural com cascatas artificiais, e nele pode-se praticar trilhas e passeio ecológico (Czepak, 2000).



Figura 4. Central Parque Senador Onofre Quinan.

O Parque JK, localizado no bairro com o mesmo nome (Figura 5), foi construído a partir de um espaço deteriorado pelos efeitos erosivos, conta com um total de 63 mil m², uma pista de cooper e com um lago de 44 mil m², formado pelo represamento do Córrego Água Fria. É um local destinado à prática de atividades diárias, como exemplo, a caminhada (Pereira, 2007).



Figura 5. Parque JK.

4.2. Planejamento urbano de parques

Os parques urbanos são áreas de uso público, dedicadas ao lazer da massa urbana, e que permitem associar a conservação de áreas que abriguem recursos ambientais, proporcionando recreação e lazer à população. Em seu planejamento devem ser observadas as características físicas, biológicas, usuários, viabilidade técnica e econômica, levando em consideração os

parâmetros físicos como: Geologia, geomorfologia, pedologia, índice de inclinação do terreno, sistema hídrico, uso de ocupação do solo existente, sistema viário existente, impactos ambientais e dados climáticos. Parâmetros biológicos como: Fauna e vegetação existente, local ou regional. Parâmetros legais como: Legislação ambiental, legislação de recursos hídricos, plano diretor municipal, legislação de uso e ocupação do solo, dados cadastrais da área e parâmetros socioculturais como: Perfil sócio-econômico da população do entorno, anseios da comunidade, histórico local e regional, sendo os mesmos fatores importantes para implantação, manutenção, monitoramento e reavaliação de um parque (Petenusci, 2003).

A bibliografia sobre o tema é farta no que diz respeito à quantidade de áreas verdes que se deve manter. Assim, por exemplo, o Colégio de Arquitetos e Urbanistas de Madrid recomenda 10% da área da cidade; a Organização das Nações Unidas (ONU), 10m² por habitante. Kevin Lynch recomenda 1 ha de parque para recreação infantil para cada 2 mil habitantes localizados a distâncias não superiores a um quilômetro. Ainda em relação às áreas verdes das cidades, a maioria dos autores atualmente recomenda a subdivisão em pequenas áreas espalhadas por ela. A vantagem do ponto de vista da utilização é óbvia: as distâncias a percorrer para utilizar essas áreas são menores e seu uso pode ser mais frequente, além disso, existem as vantagens ambientais. Os autores que pregam essa nova filosofia nos desenhos urbanos não percebem, entretanto, que o fracionamento de uma área verde grande e concentrada em áreas menores espalhadas pela cidade encarece o custo de infra-estrutura urbana da cidade. Uma cidade com um parque central é mais econômica que outra com uma mesma área verde total,

mas fracionada numa série de pequenos espaços espalhados por ela. Veja-se, por exemplo, o caso de uma cidade de 100 hectares de superfície com 10% de área verde, ou seja, 10ha. Serão avaliadas três alternativas: a primeira, a tradicional, com uma área verde no centro. Obviamente, é a que tem custo mais baixo das três, mas, como a área verde está totalmente concentrada, os urbanistas atualmente não aceitam este critério, porque a distância dificulta seu uso frequente. Eles propõem a segunda alternativa, onde o espaço verde é fracionado em 10 praças de um quarteirão cada uma. A solução é melhor, mas o custo é bem maior também (pelo menos 70% mais cara que a primeira). A terceira alternativa, que é uma mistura para se aproveitar o baixo custo dos espaços verdes concentrados e facilitar a utilização das áreas verdes distribuídas em lotes, tem maior quantidade de espaços verdes que a segunda alternativa, maior flexibilidade de uso e custa 15% a menos que o anterior. Aproveita-se, assim, a economia da concentração e a facilidade de uso da desconcentração (Mascaró & Yoshinaga, 2005).

4.3. Histórico dos parques

Os parques urbanos são áreas de uso público, dedicadas ao lazer da massa urbana, e que permitem associar a conservação de áreas que abriguem recursos ambientais, proporcionando recreação e lazer à população. Em seu planejamento devem ser observadas as características físicas, biológicas, usuários, viabilidade técnica e econômica, levando em consideração os parâmetros físicos como: Geologia, geomorfologia, pedologia, índice de inclinação do terreno, sistema hídrico, uso de ocupação do solo existente, sistema viário existente, impactos ambientais e dados climáticos. Parâmetros

biológicos como: Fauna e vegetação existente, local ou regional. Parâmetros legais como: Legislação ambiental, legislação de recursos hídricos, plano diretor municipal, legislação de uso e ocupação do solo, dados cadastrais da área e parâmetros socioculturais como: Perfil sócio-econômico da população do entorno, anseios da comunidade, histórico local e regional, sendo os mesmos fatores importantes para implantação, manutenção, monitoramento e reavaliação de um parque (Petenusci, 2003).

A bibliografia sobre o tema é farta no que diz respeito à quantidade de áreas verdes que se deve manter. Assim, por exemplo, o Colégio de Arquitetos e Urbanistas de Madrid recomenda 10% da área da cidade; a Organização das Nações Unidas (ONU), 10m² por habitante. Kevin Lynch recomenda 1 ha de parque para recreação infantil para cada 2 mil habitantes localizados a distâncias não superiores a um quilômetro. Ainda em relação às áreas verdes das cidades, a maioria dos autores atualmente recomenda a subdivisão em pequenas áreas espalhadas por ela. A vantagem do ponto de vista da utilização é óbvia: as distâncias a percorrer para utilizar essas áreas são menores e seu uso pode ser mais freqüente, além disso existem as vantagens ambientais. Os autores que pregam essa nova filosofia nos desenhos urbanos não percebem, entretanto, que o fracionamento de uma área verde grande e concentrada em áreas menores espalhadas pela cidade encarece o custo de infra-estrutura urbana da cidade. Uma cidade com um parque central é mais econômica que outra com uma mesma área verde total, mas fracionada numa série de pequenos espaços espalhados por ela. Veja-se, por exemplo, o caso de uma cidade de 100 hectares de superfície com 10% de área verde, ou seja, 10ha. Serão avaliadas três alternativas: a primeira, a tradicional, com uma área

verde no centro. Obviamente, é a que tem custo mais baixo das três, mas, como a área verde está totalmente concentrada, os urbanistas atualmente não aceitam este critério, porque a distância dificulta seu uso frequente. Eles propõem a segunda alternativa, onde o espaço verde é fracionado em 10 praças de um quarteirão cada uma. A solução é melhor, mas o custo é bem maior também (pelo menos 70% mais cara que a primeira). A terceira alternativa, que é uma mistura para se aproveitar o baixo custo dos espaços verdes concentrados e facilitar a utilização das áreas verdes distribuídas em lotes, tem maior quantidade de espaços verdes que a segunda alternativa, maior flexibilidade de uso e custa 15% a menos que o anterior. Aproveita-se, assim, a economia da concentração e a facilidade de uso da desconcentração (Mascaró & Yoshinaga, 2005).

Parque JK

O Parque JK foi construído em uma área com grande processo erosivo, integrante da sub-bacia hidrográfica do Rio Antas e micro bacia do córrego Água Fria. Entre 1963 a 1965, foi construído no mesmo local um clube campestre denominado Jundiaí Praia Clube (Figura 6).

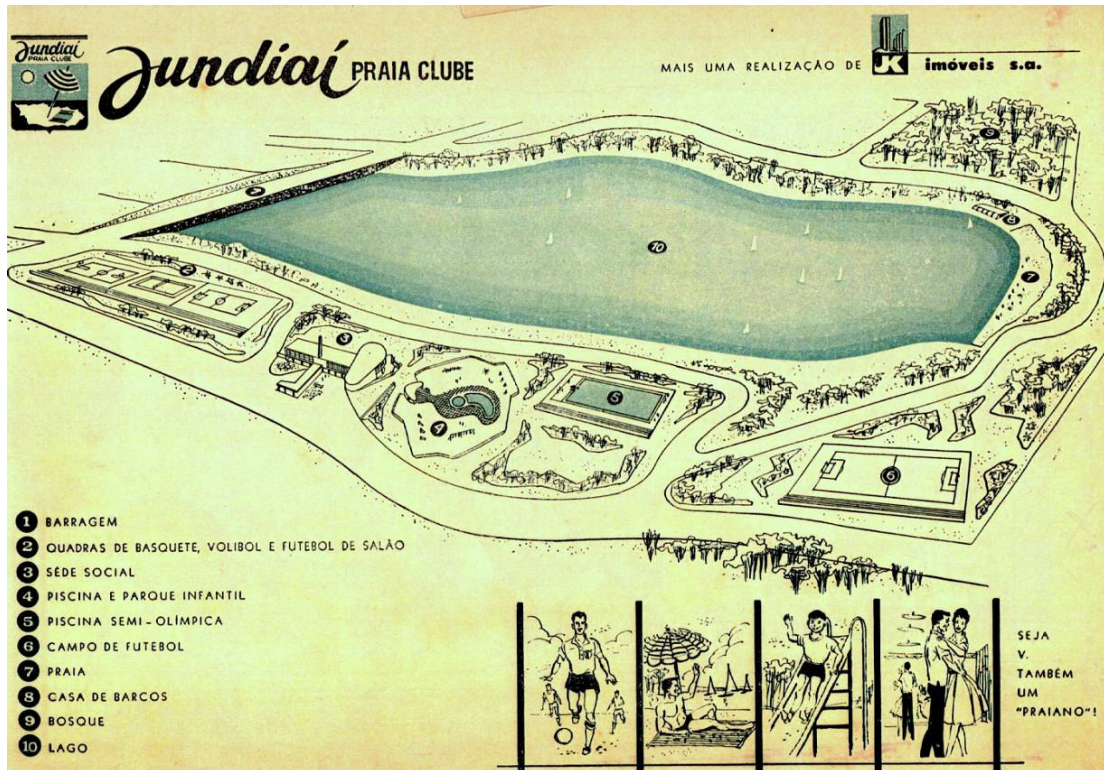


Figura 6. Jundiaí Praia Clube.

Na década de 1970, devido à formação de vários processos erosivos, sofreu grande dano, culminando no rompimento da barragem, de forma que o lago foi desfeito. Por causa das erosões a área ficou abandonada, favorecendo a deposição de lixo urbano ao longo dos anos, gerando um grande passivo ambiental (Figura 7).



Figura 7. Processos erosivos, Parque JK. 1999.

Em março de 1999 a área foi desapropriada pela Prefeitura, iniciando a construção do Parque JK, que preservou parte do conceito original do Jundiáí Praia Clube, sendo inaugurado em junho de 2003.

O projeto é constituído por um lago, com aproximadamente 01 alqueire de lâmina d'água (44.000 m²), estacionamentos, pista de cooper, praça de alimentação e praia, possibilitando o lazer contemplativo, esportivo, recreativo, cultural e turístico (Ramos, 2009).

Central Parque

A partir da década de 1940, a área onde hoje está localizado o Central Parque, passou a pertencer à família Fanstone (proprietários do Hospital Evangélico Goiano), sendo utilizada como chácara de recreio. Anteriormente a

essa década, já ocorria o desmatamento de árvores para a comercialização de madeiras, criação de gado e cultivo agrícola com a formação de pastagem, de forma que a transformação em chácara de recreio acaba por reduzir ainda mais a mata de transição existente ao longo do Córrego das Antas.

Entre as décadas de 1940 e 1950, o represamento do córrego das Antas, através da construção de uma represa no local, passou a servir para captação de água, a fim de abastecer a cidade e também para geração de energia elétrica. Estas atividades foram realizadas através da parceria estabelecida entre o Hospital Evangélico Goiano e a Prefeitura Municipal de Anápolis.

Na década de 1950, a Prefeitura autorizou o parcelamento do solo, originando o loteamento Nações Unidas que, quando da sua implantação, aumentou a redução da área de cobertura vegetal.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, a Prefeitura decretou a área como de utilidade pública para fins de desapropriação e construção de um Parque Ecológico. A princípio seria denominado Zôo-Parque das Antas, mas na década de 1990 o projeto foi alterado, sendo construído um Parque Urbano destinado à preservação do remanescente de mata existente, com áreas destinadas ao lazer e contemplação da paisagística, sendo nomeado de Central Parque da Juventude Onofre Quinan, inaugurado em 24/06/1999 (Ramos, 2009).

Parque da Criança

O Parque da Criança, localizado ao longo da Rua 14, no Bairro Maracanã, foi inicialmente ordenado pelo Decreto de Utilidade Pública nº 746, em 21 de dezembro de 1971, durante o governo do prefeito Henrique Santillo

(1970-1973), com vistas à construção do Parque Municipal de Anápolis, com finalidade de constituir a área com a função de lazer para a comunidade, bem como a incorporação do valor turístico para o município. A área original era de chácaras remanescentes do loteamento Maracanã, feito em terras da família Faria na década de 1950.

Em 1973, o local que sempre foi denominado pela população de “Parque da Matinha”, por decreto municipal, passou a ser denominado de Parque Municipal Antônio Marmo Canedo, em homenagem a um cidadão anapolino falecido na época. Nesse período foi construído no parque um pequeno zoológico com animais da fauna local e alguns exóticos. Destaca-se, também, o lago datado na mesma época, decorrente do represamento de um trecho do córrego João Cesário.

Devido a processos erosivos e a falta de manutenção por parte da prefeitura, no final da década de 1970 o lago foi destruído e o zoológico desativado, sendo os animais enviados ao Jardim Zoológico de Goiânia.

Em 1987, por decreto municipal, o parque passou a ser denominado “Parque da Criança”, sendo concluída uma grande reforma e ampliação iniciada em 1983, que implantou no parque o atual projeto que consta de: Estacionamento, alambrados, portaria, prédios administrativos, pista de cooper e calçadas, iluminação interna, churrasqueiras, banheiros, mirante, teatro de arena (espaço cultural), parque infantil, brinquedos eletro-mecânicos, campos de futebol, quadras de esportes e lanchonete.

Importância urbanística e ambiental:

Urbanística porque são os parques, praças e áreas verdes, que correspondem a 60% do embelezamento e harmonia urbanística de uma

cidade. Ambiental porque o parque tem 70% de sua área constituída por uma mata nativa remanescente da flora da região. É, portanto, um museu vivo de espécies da flora e da fauna. É uma importante área de recarga hídrica para a sub-bacia hidrográfica do Rio Antas, através de seu afluente, o Córrego João Cesário, que nasce em área limítrofe ao parque (Ramos, 2009).

4.4. Amostra

Foram entrevistadas 24 pessoas divididas em 3 bairros dos respectivos parques, sendo 8 em cada, 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Os participantes foram identificados através das letras do alfabeto. (veja tabela em anexo)

Foi optado por uma amostragem teórica, um procedimento indicado pela Grounded Theory, Charmaz (2003), porque permite ao pesquisador garantir que os participantes estarão capazes e dispostos a compartilhar informações que respondem as necessidades da pesquisa. Desta forma não se pretende uma amostragem representativa, porque se prioriza o acesso a dados qualitativamente mais profundos, sem pretender uma análise objetiva ou quantitativa. O número de 20 a 25 participantes é convencional em muitos trabalhos usando a Grounded Theory, porém não constitui um critério absoluto (Suddaby, 2006). Se for necessário será seguida à instrução de Charmaz (2003) de continuar incluindo participantes além do número previsto, obtendo dados suficientemente ricos para gerar um modelo ou uma teoria que atenda aos objetivos, respondendo as questões da pesquisa.

4.5. Procedimento

As entrevistas são livres e interativas seguindo o roteiro de um questionário, com questões objetivas (Anexo I), porém prosseguindo com perguntas improvisadas de acordo com as respostas dadas pelos participantes.

Foi utilizado gravador de voz de acordo com a autorização dos participantes, juntamente com anotações.

As gravações e/ou anotações obtidas pelas entrevistas foram transcritas e interpretadas de acordo com a *Grounded Theory* na sua vertente construtivista (Charmaz, 2003). O conteúdo dos discursos dos participantes foi analisado descritivamente através da análise do conteúdo, favorecendo o foco nos processos vivenciais que esclareceram as questões da pesquisa, procurando retratar a vivência concreta e o ponto de vista dos participantes.

As pessoas foram abordadas pela pesquisadora nos parques selecionados e convidados (as) a participar da pesquisa, onde os mesmos puderam indicar seus vizinhos e outros moradores conhecidos no bairro. Foram marcados horários e dias disponíveis aos participantes para a entrevista em suas residências.

Os participantes deveriam morar no bairro selecionado no mínimo há 10 anos consecutivos, tempo este que os permite a conhecer bem o seu bairro, sua vizinhança e a estrutura que o mesmo lhe oferece.

Foi excluído o morador que declarou permanecer pouco tempo durante seu dia no bairro, fator que o leva a não conhecer bem o seu meio e a não conviver com sua vizinhança, e não saber dos problemas enfrentados. Este critério foi verificado na hora do primeiro contato.

4.6. Construção de categorias passo a passo

A construção das categorias iniciou por uma leitura atenta das transcrições dos dados coletados e são identificadas nas transcrições “unidade de sentido”.

Unidades de sentido são caracterizadas por identificação de uma informação contida neles, que é relevante para as questões da pesquisa e que contribuiu para construir respostas que atenderam aos objetivos da mesma.

Cada unidade de sentido recebeu um código conceitual. No primeiro momento, os códigos foram construídos a partir do conteúdo da unidade codificada e a pesquisadora produziu um conceito que captou o sentido da unidade de informação codificada.

Fala-se de codificação aberta porque não é utilizado um sistema de codificação preexistente, cada código deve imergir o material codificado.

O segundo passo na codificação é a codificação focada, nos quais todos os códigos foram revisados e comparados entre eles, verificando quais deles deveriam ser unificados, melhorados ou eliminados. Nesta fase, um sistema de códigos original imerge o que é capaz de organizar conceitualmente os conteúdos a partir dos quais imergiu de maneira orgânica.

O próximo passo consistiu em organizar os códigos focados de acordo com suas relações, semelhanças e diferenças, em conceitos mais amplos de maior abstração. Cada um desses conceitos abstratos no final do trabalho recebeu um nome que representasse os códigos que o uniu e que foi usado como categoria fundamentada nos dados. Essas categorias permitiram depois organizar os dados coletados, em um modelo que respondeu as questões da pesquisa .

No trabalho de integração conceitual das categorias, foram deslumbrados grandes eixos. Estes foram usados para organizar o texto dos resultados (Charmaz, 2003).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Eixo 1 - Frequência de contato com a natureza

As pessoas procuram o contato com a natureza como atividade de lazer. Só um participante, o Sr. E, tem contato com a natureza por causa do trabalho.

Para a maioria dos participantes A, B, E, F, G, I, J, L, M, N, O, S, T, W e X, o contato com a natureza faz parte de seu cotidiano. Vários participantes aproveitam diariamente o parque. Alguns vão de duas a três vezes na semana, outros nos finais de semana. A ida frequente ao parque não é sempre programada. Há participantes que diziam ir *“sempre que posso”* (Sra. F) ou *“sempre que tenho vontade”* (Sra. B).

O interesse pelos espaços verdes, parques urbanos e áreas florestais, vem sendo procurado como uma forma de contribuição para a saúde e busca de qualidade de vida (Thompson *et al.*, 2008).

Outros participantes C, D, H, K, P, Q, R e U, têm contato com natureza esporadicamente. Segundo a Sra. R: *“Só tenho contato em época de férias e feriados e sempre viajo com minha família”*. Já a Sra. C. relata: *“Todo final de ano, sem falta, gostamos de ir à praia e não abrimos mão”*.

Nas últimas gerações tem havido um afastamento dos seres humanos com o meio natural, isso veio ocorrendo devido ao deslocamento das pessoas para a cidade. Nunca na história o homem se despreendeu tanto do contato com o meio ambiente. Parques e reservas naturais públicas muitas vezes se tornam o único acesso à natureza. Isso leva o indivíduo a se esquecer da sua ligação com o mundo natural (Maller *et al.*, 2005).

5.2. Eixo 2 - Vivência do contato com a natureza

Para retratar como os participantes vêem o contato com a natureza e como aproveitam deste, foi construído um eixo que inclui uma categoria nesta dimensão, para mostrar a satisfação dos participantes por morar próximo ao parque. Os participantes que contribuíram para esta categoria são: A, B, D, F, G, I, J, L, M, N, O, P, R, S, T e W.

Os participantes expressam satisfação pela proximidade às suas residências de um parque urbano por oferecer vários benefícios, entre eles, a facilidade de acesso, o que aumenta a motivação para frequentar o parque, pois permite observar sua movimentação e oferece aproximação com a natureza, pela vista bonita a partir de suas casas e por ser agradável em si.

A Sra. G. afirma que: *“Eu acho que esse é um belo parque. É muito agradável vir aqui, sem contar que fica aqui pertinho da minha casa”*. Morar próximo ao parque segundo o Sr. J. é vantajoso, e assim diz sua declaração: *“Moro aqui pertinho do parque. Isso faz com que eu tenha mais contato com a natureza com certeza”*. Ou: *“Ter o parque aqui pertinho de casa facilita nossas visitas”* (Sra. F.). O Sr. I. confirma: *“Ainda bem que moro aqui pertinho do parque”*. Estes motivos aumentam o estímulo e motivação para frequentar o parque (Sr. T.). Existe maior possibilidade de observar o parque: *“Às vezes eu fico aqui na porta de casa durante os finais de semana”* (Sr. D.). *Morar próximo ao parque permite um entrosamento maior com a natureza*, assim diz a (Sra. R.). Outros acham agradável em si e se contentam por terem uma vista bonita do parque pelas suas casas, assim diz o Sr. N. Alguns deles se sentem em contato com a natureza através de passeios pelas ruas, segundo o relato da Sra. S. O contato pode também ocorrer em outras cidades durante passeios.

Segundo a Sra. F: *“Gosto muito de visitar Pirenópolis, pois lá tenho maior contato com a natureza”*.

Mas também há pessoas que procuram contato com a natureza longe do contexto urbano: *“Eu amo ir à praia, tomar sol e água de côco”* (Sr.C.).

A literatura também aponta que a vida das pessoas que se interessam pela natureza é mais rica (Pinheiro, 1999). A ida de casa para a escola ou trabalho pode se tornar mais interessante se começarmos a observar as árvores, como elas mudam de acordo com as estações.

Além disso, a presença da natureza aumenta a satisfação no bairro, como: Locais para passeios, as árvores, a paisagem, aumento da oportunidade de visitar os espaços naturais e ter uma visão a partir de suas casas (Kearney, 2006).

Cada participante tem sua forma de aproveitar os recursos oferecidos pelo parque. A categoria “diversos aproveitos”, reúne a diversidade do uso que os moradores fazem do parque. Os participantes que contribuíram para esta categoria são: A, B, D, E, F, G, I, J, L, M, N, O, P, S, U, W e X.

Eles aproveitam o parque para suas atividades esportivas e recreativas. O Sr. J. fala com empolgação sobre: *“Fazer uma atividade física num lugar tão gostoso como num parque”*. Da mesma forma a Sra. W: *“O parque é o melhor lugar pra fazer caminhada. Tem muita árvore, muita sombra, não tem lugar melhor”*.

Vários levam seus filhos para a recreação: *“Eles gostam de se divertir nos brinquedos que tem lá”* (Sra. G.), e alguns até se sentem estimulados a frequentar o parque pelos filhos, como disse a Sra. Q. Outros levam seus

alunos: *“Sento com meus alunos na grama para trabalhar a respiração. Me alivia demais, então os ensino a utilizar estes recursos”* (Sr. E.).

Também há pessoas que gostam apenas de observar os visitantes: *“Eu gosto de curtir esse movimento”* (Sr. D.), ou de observar o verde: *“As florestas, os parques me trazem muita tranquilidade, dá vontade de morar lá dentro, fico só observando”* (Sra. B.).

É notória a expansão de atividades na natureza, seja de aventura ou relaxamento. Pode ser traduzida pelo desejo de aproximação maior e mais intensa com o meio natural, movido por inúmeros ideais. Os esportes, em conjunto com a natureza, oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer, ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida (Tahara & Schwartz, 2003). A literatura também mostra que as atividades físicas são incentivadas pelos espaços verdes. Quem tem um melhor acesso aos ambientes verdes, tais como parques, tendem a andar mais (Sugiyama *et al.*, 2008).

Os participantes também não se limitam ao parque para ter contato com a natureza. Cada participante enaltece sua forma preferida de contato com a natureza. Há uma dimensão de interação social claramente perceptível nos relatos sobre o contato com a natureza, no contexto de esportes radicais, pescas e acampamentos. Os participantes que contribuíram para esta categoria são: E, H, Q, T, U e X. Segundo Sr. U: *“Eu tenho um grupo de amigos e nós gostamos de esportes radicais”*. Outros, como o Sr. H, preferem algo mais: *“Eu gosto de pescar com meus amigos, ir pra beira do lago, ficar acampado no meio do mato e banhar nos rios”*. O Sr. X: *“Não há nada melhor que acampar com os amigos”*.

A busca pela aventura, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, mostra-nos que a atividade física aumenta o contato com o meio natural. É uma forma de buscar condições favoráveis à possibilidade de imprimir qualidade de vida (Tahara & Schwartz, 2003).

São também mencionadas por Sugiyama *et al.* (2008) a relação entre frequentar espaços verdes e fatores sociais dentro de uma comunidade, como coesão e interação entre vizinhos.

5.3. Eixo 3 - Benefícios do contato com a natureza

Esta categoria aborda os atrativos oferecidos pelos parques. A maioria dos participantes A, B, D, E, F, G, I, J, M, O, P, Q, S, U, W e X, descreve que valorizam a infra-estrutura como o Sr. A: *“Moro de frente a um dos maiores parques da cidade, lá tem uma boa infra-estrutura”*.

Outros valorizam aspectos sensoriais e apreciações estéticas, que englobam sons e visão da natureza, arborização densa, sombras, e se encantam pelo barulho do vento nas árvores, como o Sr. B: *“Eu acho muito bonito o verde, a natureza em si”*. Da mesma forma a Sra. G: *“Eu gosto muito de tudo que é verde”*. Ou: *“Eu gosto de ficar olhando a beleza do lago”* (Sr. D.). A Sra. F. diz: *“Gosto de ouvir o barulho do vento nas árvores enquanto faço caminhada”*. O Sr. X. diz adorar a grande quantidade de árvores no parque assim como a Sra. B: *“O parque é bem agradável, tem muita sombra”*.

Alguns buscam no contato com a natureza um efeito curativo. Esta dimensão vai além de buscar regeneração depois de estresse ou exaustão emocional. O Sr. I. é um exemplo deles e diz que: *“Eu agora sinto mais necessidade do contato com a natureza. Depois de uns agravos à saúde”*.

Estudos têm demonstrado uma associação de saúde com o verde, e a utilização de ambientes naturais pode estar associada com experiências reparadoras, diminuição de tensão e depressão (Sugiyama *et al.*, 2008).

O contato com a natureza tem efeitos que regeneram e nutrem, de acordo com A, B, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, Q, R, T, U, V, W e X.

De acordo com esses participantes, o contato com a natureza propicia efeitos regenerativos, descanso da mente, diminuição de estresse, aumento da disposição, melhora do sono, do humor, do desempenho sexual e do trabalho.

A maioria dos participantes se dizem regenerados ao observar o verde e sentem sensações agradáveis através da natureza. A Sra. W. diz: *“Faz bem pra minha cabeça e pro meu corpo. Sinto-me renovada”*. O Sr. X. afirma: *“Essa grandiosidade dá sensação de bem-estar na gente”*. *“A natureza trás muitas sensações agradáveis, tranquilidade e liberdade”* (Sra. R.).

A diminuição do estresse através do contato com a natureza vem sendo percebida pelos participantes de forma satisfatória. Segundo a Sra. F: *“É extremamente relaxante”*. *“Me sinto menos estressada e mais relaxada”*. (Sra. G). O Sr. I. diz que: *“Sinto muito mais disposição pra vida”*. Completa a Sra. T: *“Eu me considero uma pessoa mais equilibrada. Tenho mais cautela pra resolver problemas e tenho a cabeça fria”*. A Sra. M. que sofre de insônia se sente aliviada, a Sra. L. percebe uma melhora significativa no humor e na disposição e diz: *“Alivia todas as minhas tensões”*, bem como a Sra. B: *“Trás muita tranquilidade”*.

O Sr. A. declara: *“Eu percebo vários tipos de melhoras como minha disposição e até no meu desempenho sexual”*. Alguns percebem melhora no trabalho, como exemplo o Sr. E: *“É notório, porque estou sempre descansado”*.

Análises indicam que os efeitos positivos da exposição e visualização da natureza tais como diminuição de estresse, depressão, aumento do afeto e da sensação de bem-estar, contribuem para regeneração, recuperação de doenças e de sentimentos negativos (Kaplan, 2001; Sugiyama *et al.*, 2008; Mayer *et al.*, 2008).

A melhora do sono, do humor, do desempenho sexual e do trabalho, são efeitos benéficos percebidos através do contato com a natureza, pois o mesmo traz diversas sensações agradáveis. São achados semelhantes aos da literatura. Muitas pessoas gostam apenas de observar a natureza na busca de relaxamento, descanso da mente e diminuição de estresse, porque o contato com a natureza faz esquecer os problemas diários e dá sensação de renovo.

O contato com a natureza, segundo os participantes, também oferece escape do cotidiano. Essa categoria fala sobre as sensações que induzem a permanência no parque e fazem esquecer problemas diários, tendo como referência os participantes B, E, G, H, J, L, R, W e X. A Sra. B. inicia dizendo: *“Dá vontade de morar dentro do parque”*. *“O contato com a natureza me faz esquecer dos problemas do dia-a-dia”*, diz o (Sr. J.)

A vivência de atividades intimamente ligadas à natureza, vem se tornando uma perspectiva no âmbito do lazer. As inúmeras sensações percebidas pelos participantes fazem com que eles busquem mais desse contato, onde percebemos a relação com a literatura, no sentido do preenchimento da inquietação humana, em busca da melhoria da qualidade e do sentido da vida (Tahara & Schwartz, 2003).

5.4. Eixo 4 – Dificuldades

Esta pesquisa conseguiu identificar, na visão e perspectiva dos moradores, os impedimentos para o aproveitamento das oportunidades existentes.

Algumas pessoas não conseguem usufruir dos benefícios oferecidos pelo contato com a natureza por causa de outras ocupações. As categorias a seguir, mostram os impedimentos pessoais para ter contato com a natureza.

Vários deles, B, C, E, F, H, I, J, K, M, N, P, Q, R, S, T, U e V, têm outras prioridades e acabam ficando sem disposição para aproveitar a natureza. O Sr. H. fala que: *“Sou meio preguiçoso, tipo, todo dia a mesma coisa”*. A idade avançada gera indisposição para atividade física, é o que percebemos em alguns participantes como exemplo o Sr. H: *“Sou sedentário e desanimado”*.

O trabalho também desestimula e desmotiva os participantes a terem mais contato com a natureza, se tornando empecilho. A Sra. R. fala que: *“Hoje a gente tem que trabalhar dobrado e acaba não sobrando tempo para diversão”*. Da mesma forma o estresse profissional e os estudos que levam a falta de tempo: *“A gente tem que começar a trabalhar, estudar, ajudar a família em casa, aí a gente fica sem tempo”* (Sr. U). Problemas de saúde como a Sra. P. também é uma dificuldade encontrada. Ela diz que: *“A maior dificuldade que eu tenho é só questão de saúde mesmo. Nem todo dia eu tenho disposição, por causa da minha doença. Tem dia que eu não consigo nem caminhar direito de tanta dor no corpo”*.

Percebemos que são diversos os motivos e dificuldades que os participantes encontram e que os impedem de ter contato com a natureza, e talvez seja por isso que Pergams e Zaradic (2008) afirmam que, a prática de atividades ao ar livre e a visitação a parques e refúgios naturais, estão

diminuindo e sendo substituídas por hábitos de lazer domésticos e sedentários, como jogar vídeo game, assistir televisão, ou passar horas diante do computador, levando-os a sérios problemas de saúde, como por exemplo, a obesidade.

O trabalho, o estresse profissional e os estudos, também são fatores que se tornam empecilhos para frequentar o parque. As pessoas se sentem cansadas e as ocupações diárias têm se tornado prioritárias, levando à ausência do contato com a natureza.

O próprio parque também pode apresentar aspectos que desestimulam a visitação. Trata-se do desconforto sentido pelos participantes B, C, D e E. Poluição sonora é um desconforto importante. O Sr. C. se sente incomodado e revela: *“Lá no parque junta uns bêbados, e o som é muito alto”*.

Outro motivo é o parque solitário e a Sra. B. diz que: *“Eu não gosto de solidão e não me sinto a vontade de vir aqui sozinha. Parece que não faz sentido”*.

Por esses motivos encontramos explicações para diminuição da frequência ao parque. Algumas pessoas dependem de outras para compartilhar a natureza, e por esse e outros motivos, perdem o estímulo para adquirir novas experiências.

A percepção negativa do indivíduo em relação a sua comunidade, oferece obstáculos para andar a pé e fazer caminhadas, pois são vítimas do medo (Sideris, 2006).

Dificuldades práticas que muitas pessoas encontram para ter acesso aos parques é um problema considerável. De acordo com A, B, D, E e J, fala-se sobre essas dificuldades.

Eles alegam que o deslocamento necessário pode ser um problema. Segundo o Sr. D: *“Eu acho que deveria ter parques em todos os bairros da cidade. Quem mora longe nunca vai pegar um ônibus pra vir aqui”*. O Sr. J. também diz que: *“Ah não, aí ficaria complicado [...] ter que pegar condução para ir num parque! Nem pensar!”*.

O problema com a infra-estrutura e manutenção do parque é outra dificuldade. C, E, F e R, falam da decadência das instalações, do controle comercial sobre a melhor parte do parque, falta de cuidados e zelo. A decadência na infra-estrutura é algo desestimulante. O Sr. C. particularmente diz que: *“Meu bairro tem o que eles chamam de parque, mas só tem um lago e uma pista em volta. Não vejo nada de atrativo lá”* (Figura 8.).



Figura 8. Parque JK.

Outros falam do controle comercial e da melhor infra-estrutura privada, como algo muito visto no parque. Segundo a Sra. R: *“Prefiro sentar aqui na porta da minha casa do que naquelas cadeiras dos quiosques, porque tem que consumir alguma coisa, entende?”* (Figuras 9 e 10).



Figura 9. Parque da Criança.



Figura 10. Parque JK.

Há reclamações a cerca dos parques mal cuidados, diz o Sra. A. Outros reclamam também que os frequentadores não zelam do parque. A Sra. R. diz que: *"Depois reclamam que os parques precisam de cuidados. Não da pra entender!"* (Figura 11).



Figura 11. Parque da Criança.

São necessárias estratégias colaborativas entre serviços sociais, planejamento urbano e gestão ambiental, para aumentar o uso do contato com a natureza das populações. Os ambientes naturais são um cenário ideal para integração da sociedade ao meio ambiente (Maller *et al.*, 2005).

Existem riscos ao usar o parque, incluindo falta de segurança, amedrontando os participantes B, C, D, E, F, H, I, J, K, L, N, Q, R, T, W e X. O Sr. E. diz que: *“Já frequentei o parque da criança. Lá ficou perigoso e conhecido como ponto de vendas de drogas”*.

O Sr. N. também diz que: *“Tenho muito medo de assalto, essas coisas”*. Da mesma forma diz a Sra. W: *“Sei de um caso de drogas lá. Então não arrisco”*.

A vegetação densa como em parques proporcionam cobertura potencial para atividades criminosas, pois diminuem a visibilidade (Kuo & Sullivan, 2001).

Estudos têm demonstrado vários obstáculos para andar a pé. Bairros com altos índices de criminalidade e uma série de problemas os levam a ter medo. Muitas pessoas deixam de fazer caminhadas, andar de bicicleta ou a pé

por causa da falta de segurança, e os locais apropriados como parques e bosques, transmitem medo às pessoas, levando-os ao aumento do sedentarismo (Sideris, 2006).

5.5. Eixo 5 - Soluções geradas pelos moradores

Na presente pesquisa pode-se perceber que são os cidadãos que vivem os problemas que trazem soluções.

As pessoas que relatam ter contato esporádico, por motivos pessoais para não frequentarem os parques, não apresentaram soluções, enquanto os que frequentam e vêem problemas próprios ao parque, apontam soluções. Os visitantes dos parques buscam uma forma de se sentirem seguros e protegidos contra o perigo. Eles buscam essa segurança na companhia de outras pessoas ou especificamente com amigos, escolhendo horários apropriados para a utilização do parque e selecionando os mais movimentados.

A, B, N, O e W, sentem-se seguros por conhecer muitos outros frequentadores. Segundo o Sr. A: *“Não tenho medo, pois moro aqui há muitos anos e conheço muita gente que vêm aqui”*. O Sr. O, como medida preventiva diz: *“Eu faço minhas caminhadas sempre com meus amigos”*, e a Sra W: *“Não faço minhas caminhadas sozinha”*.

Há os que ficam atentos aos horários e procuram não fazer suas caminhadas muito tarde. O Sr. O. confirma dizendo: *“Eu faço minhas caminhadas o mais cedo possível”*. E segundo o Sr. N: *“É melhor nos finais de semana e agora sem horário de verão escurece mais cedo, então com o sábado e domingo livres, posso escolher meus horários para frequentar o parque bem mais cedo”*. Existem também os que dizem que o parque bem frequentado dá a sensação de segurança, por exemplo, a Sra. B.

Em uma investigação, os parques urbanos e áreas bem arborizadas têm sido associados consistentemente com o medo. As pessoas se sentem mais vulneráveis do que a céu aberto, e pensam que, locais com vegetação densa, proporcionam potencial cobertura para atividades criminosas (Kuo & Sullivan, 2001).

Cada participante procura uma forma de se sentir protegido e/ou de superar seus medos e receios. Alguns deles falam do ponto de drogas no parque como um fator desestimulante e que gera medo. Mas há os que dizem que, pelo fato de morarem há muito tempo perto do parque, e conhecerem os frequentadores, se sentem mais seguros. Muitos procuram companhia para suas atividades físicas ou até realizá-las num horário mais adequado, como uma medida de proteção contra esses diversos riscos, pois esses fatores fazem com que os visitantes se sintam vulneráveis aos perigos e com medo de utilizarem o parque.

5.6. Eixo 6 - Sugestões dos participantes

Os contribuintes dessa categoria sugerem uma melhoria na manutenção, no planejamento urbano e na estrutura dos parques. Isto inclui a construção de mais parques e crescimento urbano com incorporação e manutenção do verde. Um dos participantes, a Sra. B, afirma: *“Uma cidade desse tamanho merece ter mais parques”*. O Sr. E. reclama que: *“Antigamente tinha mais verde no meu bairro. Com o crescimento virou uma área urbanizada”*.

Vários problemas estão presentes nos dias de hoje nas cidades, decorrentes do crescimento dos centros urbanos e da diminuição gradativa das áreas verdes, que possuem uma série de funções, como a amenização

climática, afetada pelos revestimentos artificiais das superfícies como o concreto e o asfalto (Hassler, 2006). O melhoramento dos parques também é uma preocupação que, como solução, inclui maiores investimentos, parques mais atrativos, melhor infra-estrutura e mais brinquedos para as crianças. Os participantes A, B, C, F, G, H, T e X reclamam disso. A Sra. G. diz que: *“Aparentemente os políticos não têm investido nessa área por aqui e nem nos parques”*.

“A prefeitura deveria fazer mais parques, com mais atrativos”, diz o Sr. C. A infra-estrutura também parece um problema para algumas pessoas. A Sra. T. diz que: *“Deveriam pensar em alguma coisa voltada para as crianças, tem muita aqui no bairro, elas iam adorar”* (Figura 12).



Figura 12. Parque JK.

O Sr. X. reforça dizendo: *“Os brinquedos precisam de reforma, alguns estão quebrados e outros não funcionam mais. Deveria também ter mais brinquedos para as crianças”* (Figura 13.).



Figura 13. Parque da Criança.

Segundo a Sra. G: *“Acho que o playground poderia ser maior. Nos finais de semana não tem brinquedo para todas as crianças”* (Figura14).



Figura 14. Central Parque.

De acordo com a revisão de literatura encontrada, esta é uma boa questão a ser discutida e que chama atenção deste aspecto. As autoridades precisam investir de forma contínua na manutenção dos atrativos dos parques, para incentivar o uso dos espaços verdes.

A manutenção dos parques é um problema muito frequente e percebido pelos participantes F, G, L, M, O, P e V. Essa categoria inclui melhorar a limpeza e cuidar mais do parque. A Sra. F. afirma: *“Precisa melhorar a limpeza e a poda das plantas”* (Figura 15).



Figura 15. Central Parque.

E o Sr. O. conclui: *“A prefeitura precisa cuidar mais dos parques”* (Figura 16).



Figura 16. Parque da Criança.



Figura 16. Continuação.

A literatura é escassa quando abordamos estes fatores, portanto esta pesquisa contribui mais uma vez para mostrarmos que existem problemas relacionados aos cuidados dos parques.

Os frequentadores falam sobre algumas formas de eliminar os riscos de utilizar os parques abordando alguns itens, como melhorar iluminação e segurança. São eles: I, J, L, M, N, O, W e X. Segundo o Sr. X: *“Alguma coisa deveria ser feita pra preservar a iluminação”*.

“Devemos exigir das autoridades mais segurança para que possamos ter tranqüilidade”, diz o Sr. J. Assim também como o Sr. N: *“Deveria ter uns guardas lá, pra gente sentir mais segurança”*.

A ligação entre segurança e atividade física é muito forte, muitas árvores e iluminação fraca trazem medo, e muitas pessoas deixam de fazer caminhada (Sideris, 2006). Parques bem estruturados, iluminados e com boa limpeza, estimulam as pessoas a frequentá-lo e a segurança passa ao visitante tranqüilidade.

Os participantes E, R e X falam de uma melhora abrangente para a resolução desses problemas, algo que envolva o contexto geral. Essa categoria inclui investimentos em preservação e conscientização. A Sra. R. sugere: *“É*

necessário um trabalho de preservação e conscientização para que as pessoas zelem do que é feito para o nosso próprio lazer”.

Nos seguintes parágrafos, serão resumidos os resultados que respondem as questões da pesquisa, a respeito do papel do parque na promoção da qualidade de vida e da saúde.

Em geral, os parques de Anápolis são bem frequentados, e os parques Central Parque (Senador Onofre Quinan) e o Parque da Criança (Antônio Marmo Canedo), são mais utilizados por crianças e por adultos de forma recreativa e para esportes. Estes dois parques apresentam uma boa infraestrutura e têm uma boa aceitação pela vizinhança. Os participantes relatam alguns aspectos negativos dos parques devido a falta de cuidado dos gestores, mas não são motivos que os levam a deixar de visitá-los.

O Parque JK apresenta pouca infra-estrutura, não sendo utilizado por crianças, e a maior parte dos frequentadores visita o parque para caminhadas, e os que não fazem atividade física gostam de aproveitar a sombra das árvores e observar a natureza.

Os participantes relataram principalmente efeitos do contato com a natureza que regeneram e nutrem, como o descanso da mente, diminuição de estresse, aumento da disposição e melhora do sono, do humor, do desempenho sexual e do trabalho.

Os participantes utilizam os parques que estão na proximidade imediata a suas residências e relatam que são privilegiados por terem um parque em suas proximidades, e no geral, não frequentariam se tivessem que pegar condução para usufruir desse benefício.

Os impedimentos pessoais para não ter contato com a natureza se dividem em dois tipos de participantes: Os que têm contato esporádico ou não frequentam e os que têm contato diário.

Contato Esporádico / Não frequentam: Estão sempre dizendo que não têm tempo, que suas ocupações diárias os deixam sempre cansados, sem disposição, que têm excesso de trabalho, estudos, idades avançadas, desânimo, e os problemas de segurança e iluminação do parque trazem medo, fazendo com que não visitem o parque, sendo que esses participantes não procuram nenhuma forma de solucionar esses empecilhos.

Já os frequentadores diários dos parques, que também encontram empecilhos e desconfortos ao fazerem uso dos mesmos, têm menos impedimentos pessoais, com os mesmos afazeres, e por causa do hábito já adquirido, buscam formas de soluções para estes problemas.

6. CONCLUSÃO

O acesso à natureza é demonstrado como um fator que contribui para o alívio da tensão, para um bom funcionamento psicológico, aumentando a saúde física e reduzindo o aparecimento de doenças (Kaplan, 2001; Maller *et al.*, 2005; Sugiyama *et al.*, 2008; Thompson *et al.*, 2008; Sugiyama *et al.*, 2009).

Porém, a pesquisa feita por Sideris (2006) mostrou que mesmo tendo fácil acesso a parques, muitas pessoas deixam de fazer caminhada, andar de bicicleta ou a pé, por causa da falta de segurança. É um dado também encontrado nessa pesquisa, todavia, algumas delas não deixam de frequentar por esse motivo, procuram uma forma de se sentirem mais seguros na companhia de amigos e em horários mais movimentados.

O contato com a natureza é importante não só para realizar atividades físicas, mas para desenvolver sensibilização pelo local, relacionamento com o meio ambiente, aumento no desenvolvimento e interação social com a vizinhança (Maller *et al.*, 2005; Kearney, 2006; Thompson *et al.*, 2008; Sugiyama *et al.*, 2008; Sugiyama *et al.*, 2009).

Não foi encontrada essa relação com o contato com a natureza, talvez pelo motivo de ser uma cidade do interior, onde as pessoas se relacionam mais umas com as outras, entre vizinhos, e por morarem no bairro há muitos anos e se conhecerem bem.

O contato com a natureza não foi demonstrado como fator principal em promover contato social. Enquanto que, na literatura, encontra-se que frequentar o parque pode ser uma maneira de conhecer pessoas, pelo contrário, esta pesquisa mostrou que conhecer as pessoas é um fator de segurança que promove a sua frequência.

Os parques e reservas naturais desempenham um papel importante para o fornecimento de acesso à natureza para os indivíduos, trazendo uma série de benefícios como: Sentimento de integração ao invés de isolamento, capacitação, sentimento de unidade com a natureza e o universo (Maller *et al.*, 2005).

A natureza pode ser utilizada como um recurso público em termo de saúde e bem-estar. Os participantes falaram os diversos benefícios que sentem através do contato com a natureza, como melhora do sono, do humor, da disposição no trabalho e até mesmo na prevenção e recuperação de doenças.

Existem pesquisas empíricas que mostram a satisfação de moradores que são privilegiados pela visão da natureza através das suas janelas (Kaplan, 2001; Maller *et al.*, 2005; Hilary, 2009).

Esta pesquisa mostra que, mesmo os participantes que não freqüentam os parques, admiram a beleza da natureza e gostam de ter essa visão privilegiada através de suas casas, e que apenas pela visão eles sentem muita satisfação e bem-estar.

Na literatura, Pergans e Zaradic (2008) citam que a ausência de contato com a natureza se deve à falta de experiências ao ar livre, especialmente nas crianças, e isso fará com que elas não dêem valor no contato e preservação do meio ambiente no futuro.

Percebe-se nos participantes que têm contato diário com a natureza uma preocupação de levarem seus filhos ao parque durante suas caminhadas, e que ter um parque próximo à residência estimula a visitação.

Uma das participantes diz que frequenta o parque por causa dos filhos que gostam, por causa do local e dos brinquedos, e esse interesse das

crianças surge devido à visualização do parque através de suas casas e, segundo a literatura, essa ligação, quando obtida na infância, tende a ser permanente na vida adulta. Isso tem implicações quanto a promoção do contato com a natureza da futura geração. É preciso promover a frequência dos parques pelas crianças, para que quando adultos, continuem com o hábito.

Nos resultados dos participantes, uma boa infra-estrutura e uma maior qualidade e variedade de brinquedos, se mostram muito importantes para o uso dos parques com as crianças.

Muitas são as queixas em relação a esses fatores e outros como: Falta de segurança, iluminação, falta de atrativos e poluição sonora.

Os parques exercem um papel multifuncional na cidade, seja para o lazer ou esportes, sendo utilizados também como locais de descanso e reflexão. Anápolis, por ser a segunda maior cidade do estado e possuindo apenas três parques municipais, fica em débito com comunidade, pois os parques, mesmo em situações precárias, são muito utilizados por crianças e adultos.

Grande parte dos brinquedos está em péssima condição, a maioria quebrada. O playground do Central Parque atende somente as crianças com até oito anos de idade, em um espaço muito pequeno e com pouca opção. O Parque da Criança é cheio de opções, porém, os brinquedos estão sem condições de uso. O parque JK não oferece área recreativa para as crianças, apenas uma pista para caminhadas e um lago para esportes náuticos, que foram proibidos pelo Ministério Público por causa de acidentes no passado.

É necessário um maior cuidado dos gestores, tanto na limpeza e segurança, quanto na manutenção dos brinquedos. Essas medidas poderiam

estimular a comunidade a preservar o bem público, visto que dois dos parques são áreas de preservação da mata nativa.

Pela importância que os parques têm para a comunidade, pode-se perceber que mesmo com tantos problemas eles ainda continuam muito freqüentados.

Os visitantes diários superam grande parte destes problemas, os fatores desestimulantes não são levados em consideração perante o benefício do contato com a natureza, não sendo vistos da mesma forma pelos participantes que têm contato esporádico.

As pessoas que têm contato freqüente com os parques são as que aproveitam de diversas formas, sendo as mesmas que falam mais sobre os benefícios da natureza sobre suas vidas e dos benefícios de residir em suas proximidades, que sentem mais estímulos e têm mais motivos para terem contato com a natureza, sendo os que mais dão sugestões para melhoramento e manutenção dos mesmos.

Os participantes que têm contatos esporádicos com a natureza têm menos aproveitamento no parque, falam menos sobre os benefícios de residirem nas proximidades e são os que menos utilizam a natureza de outras formas. Também têm mais impedimentos pessoais e são os que mais falam dos riscos ao usarem os parques, dando menos sugestões.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou o conhecimento do significado que os parques têm na vivência diária dos moradores de Anápolis, como acesso à natureza, pela satisfação de tê-los em suas proximidades e pelos benefícios percebidos na saúde em geral.

Muitos são os problemas relatados pelos participantes quanto a manutenção, segurança, limpeza, entre outros cuidados. Os parques permanecem em situações críticas, levando os moradores a se sentirem inseguros e outros ausentes.

Como medida de segurança, deveria ter guardas internos, associado à ronda de policiais militares para garantir aos visitantes mais tranquilidade. Poderia ser feito um trabalho junto aos moradores de conscientização e conservação ambiental, através de palestras, informando que os parques são áreas de preservação e precisam de cuidados em parceria.

A comunidade pode, juntamente com a associação do bairro, reivindicar melhorias aos parques e apresentar a problemática ao diretor municipal do meio ambiente, mostrando-o quão importante é para os moradores terem um local seguro para suas atividades físicas, de lazer e descanso, e que através dessas reivindicações os gestores possam entender a necessidade de construir mais parques para atenderem outros locais da cidade.

Devido à grande problemática encontrada nos parques municipais, sugerem-se novas pesquisas, que incluam formas de oferecer idéias inovadoras para estudos urbanísticos, baseado na perspectiva do morador.

Que estes resultados possam estimular a participação dos gestores das áreas naturais urbanas na solução dos problemas, pois foi mostrado que os

moradores apontam os erros e têm idéias para corrigi-los. Desta forma, o trabalho mostra a necessidade de envolver os moradores diretamente no planejamento e gerenciamento das questões relacionadas aos parques da cidade.

8. REFERÊNCIAS

- Assad, L. L.; Carvalho, M. A. S & Xavier, S. S. (2006). Diversidade e ecologia das briófitas do parque municipal “Antônio Marmo Canedo”, Anápolis-GO: comparação entre a área de preservação florestal e a área de recreação. IV seminário de iniciação científica, Anápolis, 05 de outubro de 2006.
- Abrantes, L. M. (2003) A evolução da questão urbana no Brasil. Mestrado em Administração pública, gestão de políticas sociais. Fundação João Pinheiro. Escola de governo.
- Charmaz, K. (2003). Grounded Theory *In*: J. Smith (Org.). Qualitative Psychology: A practical guide to research methods. Hove: Sage.
- Chão, C. H. N. (1999). Desenvolvimento humano no contato com a natureza. *Revista Conexões*. 3(1): 49-58.
- Czepak, R. (2000). Os parques ecológicos. *Anápolis em revista*, dezembro. P.39.
- Diamond, J. (2001). Armas, germes e aço. Os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Fernandes, E. (1998). Direito Urbanístico. Belo Horizonte: Del Rey. 232.
- Frank, L. D & Engelke, P.O. (2001). The Built Environment and Human Activity Patterns: Exploring the Impacts of Urban Form on Public Health. *Journal of Planning Literature*. 16(2): 202-218.
- Fredrickson, B. L. (2001). The Role of positive Emotions in Positive Psychology. *American Psychologist*. 56(3): 218-226.

- Freitas, J. F. (2004). A expansão urbana e a segregação sócio-espacial em Anápolis-GO. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Universidade de Brasília.
- Frumkin, H. (2001). Nature Contact: A health Benefit Em:Frumkin (Org.). Environmental Health: From global to local. Chichester: Wiley & Sons.
- Hassler, M. L. A. (2006). A natureza na cidade: Uma abordagem a partir da percepção da população a cerca do jardim botânico de Curitiba (PR). *Sociedade & Natureza*. 18 (35): 79 - 96.
- Herzog, T. R & Strevey, S. J. (2007). Contact With Nature, Sense of Humor, and Psychological Well-Being. *Environment and Behavior*. 20(10): 1- 30.
- Hilary, R. H. (2009). The environmental determinants of health. *Global Health Promotion*. (1):42-43.
- IBGE. (2001).Tendências Demográficas: Uma análise dos resultados da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000. *Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica*. (6): 1-63.
- IBGE. (2009). Estimativas de População. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (14 de agosto de 2009). Página visitada em 20 de outubro de 2009.
- Kaplan, K. (2001). The Nature of the View from Home: Psychological Benefits. *Environment and Behavior* .; 33(4): 507-542
- Kearney, A. (2006). Residential Development Patterns and Neighborhood Satisfaction. Impacts of Density and Nearby Nature. *Environment and Behavior*. 38(1): 112-139.

- Kuo, F. E & Sullivan, W. C. (2001). Environment and Crime in the Inner City Does Vegetation Reduce Crime?. *Environment and Behavior*. 33(3): 343-367.
- Maller, C., Townsend, M., Pryor, A., Brown, P & Leger, L. (2005). Healthy nature healthy people: 'contact with nature' as an upstream health promotion intervention for populations. *Health Promotion International*. 21(1): 45-54.
- Mascaró, J. L. & Yoshinaga, M. (2005). *Infra-estrutura urbana*. Parques e praças e sua influência nos custos urbanos, Porto Alegre. 207p.
- Mayer, S. F., Frantz, C. M. P., Senecal, E. B & Dolliver, K. (2008). Why Is Nature Beneficial? The Role of Connectedness to Nature. *Environment and Behavior*. 20(10): 1-37.
- Moreira, I. V. D., (org.); *Vocabulário básico de meio ambiente*; Rio de Janeiro : Serviço de Comunicação Social da Petrobrás, 1990.
- Nartécia, F. (2007). Infância próxima à natureza estimula preocupação ambiental na vida adulta. *Ciência e Cultura*. 59(1): 22-22.
- Nascimento, A. S. (2003). Impactos ambientais e expansão urbana nas cabeceiras de drenagem do Córrego Catingueiro Anápolis/GO. Dissertação (Mestrado) –Instituto de Estudos Sócio-Ambientais , Universidade Federal de Goiás. 153.
- Noiseux, K & Hostetler, M. E. (2008). Do Homebuyers Want Green Features in Their Communities?. *Environment and Behavior*. 20(10): 1-29.
- Organização Mundial da Saúde. *Constitution of the World Health Organization. Basic Documents*. Genebra:1946.
- Pereira, N. (2007). Pontos históricos e turísticos. *Centenário Magazine*. V.1.

- Pergams, O & Zaradic, P. (2008). Cai interesse por contato com a natureza. *Eco & Ação.1-1*.
- Petenusci, M. C. (2003). Introdução ao planejamento urbano. (Apresentação de trabalho/congresso).
- Pinheiro, M. (1999). Vida saudável, observando a natureza. Acesso em 22/03/2008. Disponível em <http://www.saudenainternet.com.br>
- Pitanga, F. J. G. (2002) Epidemiologia, atividade física e saúde. *Rev. Bras. Ciên. e Mov.* 10 (3): 49-54.
- Polonial, J. (1995). Anápolis nos tempos da ferrovia. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, p.32
- Ramos, S. L. A. (2009) Comunicação Pessoal, Anápolis. 21 de outubro.
- Rashid, M & Zimring, C. (2008). A Review of the Empirical Literature on the Relationships Between Indoor Environment and Stress in Health Care and Office Settings Problems and Prospects of Sharing Evidence. *Environment and Behavior.* 40(2):151-190.
- Salovey, P., Rothman, A. J., Steward, W. T & Detweiler, J. B. (2000). Emotional States and Physical Health. *American Psychologist.* 55(1): 110-121.
- Schwartz, A. C. K., Stockard, J., Doyle, S. & Schlossberg. (2004). Is Sprawl Unhealthy? A Multilevel Analysis of the Relationship of Metropolitan Sprawl to the Health of Individuals. *Journal of Planning Education and Research* 24:184-196.
- Sideris, A. L. (2006). Is it Safe to Walk?1 Neighborhood Safety and Security Considerations and Their Effects on Walking. *Journal of Planning Literature.* 20(3): 219- 232.

- Suddaby, R. (2006). What Grounded Theory is not. *Academy of management Journal*. 49, 633 - 642.
- Sugiyama, T., Leslie, E., Giles-Corti, B & Owen, N. J. (2008). Associations of neighbourhood greenness with physical and mental health: do walking, social coherence and local social interaction explain the relationships?. *Epidemiol. Community Health*. 62(1): 1-6.
- Sugiyama, T., Thompson, C. W & Alves, S. (2009). Associations Between Neighborhood Open Space Attributes and Quality of Life for Older People in Britain. *Environment and Behavior*. 41(1): 3-21.
- Taylor, A. F & Kuo, F. E. (2009). Children With Attention Deficits Concentrate Better After Walk in the Park. *Journal of Attention Disorders*. 12(5): 402-409.
- Thahara, A. K & Schwartz, G. M. (2003). Atividades de aventura na natureza: Investindo na qualidade de vida. *Revista digital Bueno Aires*. 8(58).
- Thompson, C. W., Aspinall, P. & Montarzino, A. (2008). The Childhood Factor Adult Visits to Green Places and the Significance of Childhood Experience. *Environment and Behavior*. 40(1): 111-143.
- Umbelino, C. (2009). Parques municipais passam por revitalização. *Jornal Contexto. Caderno 2*.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

- 1) De que maneira e em quais lugares você tem acesso ao contato com a natureza? Dentro do bairro ou em outros lugares da cidade?
- 2) Com que frequência você faz o uso dessas possibilidades? (Tempo dedicado a cada ambiente mencionado).
- 3) Quais efeitos você percebe desse contato com a natureza sobre a sua saúde?
- 4) Quais possibilidades, vantagens e estímulos seu bairro oferece para ter o contato com a natureza?
- 5) Quais dificuldades ou empecilho você encontra?
- 6) Como você pode superar essas dificuldades pessoalmente e quais soluções e melhorias você sugere para infra-estrutura na gestão da cidade?
- 7) Como o contato com a natureza encaixa no seu estilo de vida?
- 8) Condições socioeconômicas

Sexo:

Profissão:

Local do emprego:

Horários do serviço:

Quantos filhos:

Obs: Fazer perguntas complementares e pedir esclarecimento relacionado aos dados da questão 8 com outros conteúdos da entrevista.

ANEXO II

PARTICIPANTES

-A- Masculino Empresário, 46 anos, 3 filhos, Parque da Criança	-B- Feminino, Empregada doméstica, 32 anos, Sem filhos, Central Parque	-C- Masculino, Empresário, 48 anos, 2 filhos, Parque Jk	-D- Masculino, Mecânico, 35 anos, 3 filhos, Parque Jk
-E- Masculino, Psicólogo, Sem filhos, Parque Jk	-F- Feminino, Bancária, 48 anos, 4 filhos, Central Parque	-G- Feminino, Escrivã policia civil, 30 anos, 2 filhos, Central Parque	-H- Masculino, Desenhista, 50 anos, 2 filhos, Parque Jk
-I- Masculino, Pintor, 40 anos, 3 filhos, Parque Jk	-J- Masculino, Balcônista, 29 anos, 1 filho, Parque da Criança	-K- Feminino, Estudante, 23 anos, Sem filhos, Parque da Criança	-L- Feminino, Professora, 29 anos, Sem filhos, Central Parque
-M- Feminino, Secretária, 26 anos, 2 filhos, Central Parque	-N- Masculino, Auxiliar de escritório, 37 anos, 4 filhos, Parque Jk	-O- Masculino, Frentista, 30 anos, Sem filhos, Parque da Criança	-P- Feminino, Funcionária pública Detran, 49 anos, 1 filho, Central Parque
-Q- Feminino, Bancária, 28 anos, 1 filho, Parque Jk	-R- Feminino, Enfermeira, 26 anos, 1 filho, Parque da Criança	-S- Masculino, Secretário, 28 anos, 2 filhos, Central Parque	-T- Feminino, Farmacêutica, 27 anos, 2 filhos, Parque Jk
-U- Masculino, Educador Físico, 24 anos, Sem filhos, Parque da Criança	-V- Feminino, Cabeleireira, 34 anos, 3 filhos, Central Parque	-W- Feminino, Dona de casa, 36 anos, 4 filhos, Parque da Criança	-X- Masculino, Estudante, 24 anos, Sem filhos, Parque da Criança